

## Ensaio do BCG contra a Tuberculose Bovina

Segundo os autores,<sup>2</sup> inoculação de doses massiças de BCG (até 100 mgrs.) em bovinos recém-nascidos, por via sub-cutanea, foi sempre perfeitamente tolerada e acompanhada de accidentes geraes, immediatos ou tardios, attribuíveis ao germe. As reacções locais foram constantes, mas, destituidas de gravidade. A reinoculação dos mesmos germes, até 5 vezes em doses sempre elevadas mostrou-se tambem totalmente inoffensiva. Os bovinos novos, inoculados com doses de 25 a 100 mgrs. de BCG, desde 1 até 28 dias depois do nascimento e mantidos, em seguida, em cohabitação estreita e permanente com animaes tuberculosos, sem cuidados especiaes de alimentação, desenvolveram-se de modo perfeitamente satisfactorio, sem nenhum signal clinico de tuberculose. A necroscopia de alguns vitellos assim tratados e conservados num ambiente contaminado, até 18 meses, mostrou ausencia de lesões tuberculosas nas visceras e na enorme maioria dos ganglios lymphaticos. Alguns destes, no entanto, foram constantemente encontrados com alterações especificas e encerrando bacillos virulentos para cobaio. A protecção conferida pelo BCG aos bovinos, nas condições experimentaes elegi da embora incompleta, foi evidente e muito accentuada, merecendo aperfeioamento da prática, já bastante promissora, até á erradicação total da doença nos organismos vacinados.

## Virulencia do BCG

Os resultados de de Assis<sup>3</sup> significam, para o autor, que o BCG, nas condições assignaladas, possui um grau de virulencia notavelmente reduzido e estabilizado, por ser incapaz de provocar processos tuberculosos evolutivos, directamente ou por meio de passagens em cobaio. Sob taes reservas, nenhuma contra-indicação parece oppor-se ao seu uso nas experiencias de prevençáo da tuberculose, no organismo animal ou no do homem.

## A Widal Depois da Oro-Vaccinação Anti-Typhica

Das experiencias realizadas por de Assis e Mendes<sup>4</sup> no homem póde concluir-se que a vacinação typhica oral, tal como costuma ser praticada correntemente, com 3 doses de suspensão ou cultura contendo um numero não excessivo de germes nenhuma alteração determina no titulo agglutinante do soro, nas tres primeiras semanas que seguem a ingestáo da vaccina; nestas condições, uma reacção de Widal positiva não deve ser imputada á immunização, guardando, por conseguinte, todo o seu valor diagnostico.

Em prazo maior, até 76 dias a contar da ultima dose de vaccina, o poder agglutinante do soro continua a não existir na enorme maioria dos casos (92.3 por cento), apparecendo em grau minimo em raros exemplos (4.2 por cento) e um pouco mais notadamente, sob forma de grumos finos, em soros de excepção (3.5 por cento). De qualquer maneira, porém, mesmo nestes ultimos casos, trata-se sempre de agglutinações parciais ou só visiveis á lente, sem direito, assim, a serem encaradas como provas nitidamente positivas. A reacção de Widal, mesmo neste periodo de 2 meses e meio depois da vacinação oral, continúa a ter seu valor diagnostico habitual.

## Novos Academicos

A Academia de Medicina do Brasil ha chamado a seu seio os seguintes connotados medicos de Rio de Janeiro: Espozel, neurologo; A. Cardoso Fontes, fisiologo; Oscar Clark, clinico; e Raymundo Teixeira Mendes e Irineu Malagueta, docentes livres da Faculdade de Medicina.

<sup>2</sup> de Assis, A., e Dupont, O.: Bol. Inst. Vital Brasil No. 4: 3 (maio) 1928.

<sup>3</sup> de Assis, A.: Bol. Inst. Vital Brasil, No. 2: 3 (dbro.) 1927.

<sup>4</sup> de Assis, A., e Mendes, N. O.: Bol. Inst. Vital Brasil No. 3: 18 (ab.) 1928.